

## EXPANDIDO

### AS MÃOS QUE PODEM VER: AS PESSOAS CEGAS NO MUSEU DE MINÉRIOS

(Modalidade de trabalho: Apresentação oral)

Visitar museus é um desafio para as pessoas com deficiência visual, uma vez que, independentemente de seu acervo, a maioria dos museus adota o estilo educacional contemplativo onde se vê e muito excepcionalmente, são possibilitadas experiências com o olfato e com a audição. Neste sentido, os museus acabam sendo inacessíveis para as pessoas com deficiências visuais, o que exige deles uma mudança no sistema de comunicação. Ademais, o visitante cego também não poderá se apropriar das estratégias museográficas como a divisão do espaço, as cores, detalhes de tamanhos de letras, entre outros. Assim, as pessoas privadas do sentido da visão enfrentam enormes dificuldades em visitar um museu e apreende-lo por meio do guiamento oral de outra pessoa, uma vez que nem sempre é fácil encontrar profissionais que conseguem transmitir de maneira satisfatória as mensagens que os objetos e/ou imagens mostram ao visitante.

Entretanto, ir ao museu não é o bastante. É preciso ser capaz de desfrutá-lo em sua inteireza. Focillon (1943, p. 128) afirma que “a mão arranca a capacidade de tocar da sua passividade receptiva, organiza-a para a experiência e para ação. É ela quem ensina o homem a tornar posse do espaço [...] criando um universo inédito, deixa por todo o lado as suas marcas”. Estas reflexões nortearam a elaboração de uma exposição temporária no Museu de Minérios do RN, localizado no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte, Campus Natal Central – IFRN/CNAT, cujo objetivo foi: possibilitar às pessoas cegas a apropriação dos bens minerais a partir do sentido do tato.

Porém compreendemos que não é só pelo fato de tocar a peça que a pessoa cega vai se apropriar das informações da mesma forma que uma pessoa vidente. Não se trata de ser melhor ou pior, mas será de forma diferente, uma vez que alguns equívocos são cometidos a respeito do tato em substituição ao sentido da visão, como observam Almeida, Carijó e Kastrup (2010) ao analisarem estratégias comuns para permitir o acesso às artes plásticas para pessoas cegas. Para os autores estas adequações ignoram as propriedades cognitivas e a dimensão expressiva do tato, pois se pressupõe que o alto-relevo e a escultura são formas de arte acessíveis ao tato tanto quanto o são para a visão. Os autores afirmam que a maioria das obras de arte de museus é feita para o deleite do olhar e não para serem tocadas. Porém, sugerem que se criem obras de arte tátil, ou seja, obras criadas para serem vistas pelo tato.

A metodologia utilizada pautou-se na particularidade das pessoas que não possuem o sentido da visão em sua plenitude e levando em conta que todos os bens minerais deveriam ser apresentados de tal forma que qualquer pessoa pudesse se apropriar das suas características utilizando-se do tato e outros sentidos que não a visão. Além disto, foram apresentados aos visitantes todos os bens minerais apresentados na exposição permanente. Obviamente que se utilizando de outras amostras minerais. Assim, foram definidas as seguintes temáticas a serem trabalhadas: um contexto da pré-história do espaço territorial do homem primitivo e a apresentação dos bens minerais do RN como a argila, as pedras preciosas, o petróleo, o ferro, o sal, a scheelita, as rochas ornamentais, os fósseis, minerais cujos hábitos são fáceis de serem identificados tais como a pirita no formato de cubo, as micas em formato de folha, o quartzo em formato de prismas hexagonais terminados em pirâmides e os principais tipos de rochas e suas particularidades. A visita foi guiada, sendo um guia para cada três visitantes. O espaço da exposição teve sua iluminação reduzida de forma que somente os guias pudessem visualizar as peças. As pessoas que não eram cegas usaram uma venda nos olhos. As peças selecionadas

para a exposição foram as mais didáticas possíveis, possibilitando que o reconhecimento pudesse ser realizado por meio do tato e com a intermediação de guias. De acordo com Musse (2011, p. 78) “a mão humana é uma ferramenta maravilhosa que dialoga poeticamente com o mundo, se lança ao espaço circundante realizando volteios e coreografias que acompanham a voz e podem até mesmo ser a própria voz nas linguagens gestuais”. Uma peça bem interessante foi uma escultura em argila retratando um ancestral humano ainda com as feições bem diferentes das feições atuais. A maioria não conseguiu entender a peça, até ser apresentado a ela. Nesta linha, Kilgour e Lederman (2002) realizaram um interessante experimento com a exploração tátil dos rostos. Foi solicitado que uma pessoa com os olhos vendados identificasse um rosto com as mãos. Em seguida, foram colocados três rostos e solicitado que a pessoa identificasse o rosto explorado anteriormente. Destes, 78,9% conseguiram acertar. Posteriormente estes mesmos rostos em máscaras de argila foram disponibilizados e somente 58,9% conseguiram acertar. As máscaras de argila eram idênticas aos rostos humanos no que se referia à forma, mas a textura e a temperatura eram distintas, demonstrando assim, a importância dos materiais e seus detalhes para a percepção tátil. Foram disponibilizadas algumas ferramentas líticas como machados e pontas de flecha, o que despertou muito a atenção de todos. A maioria das peças não foi identificada por eles por não fazerem parte de seu cotidiano. O museu apresenta uma exposição com peças que não são comuns no cotidiano da maioria das pessoas. Esta é uma reflexão importante. Os minerais e rochas, apesar de fazerem parte de nossa vida, eles não nos são apresentados de forma natural e sim depois de manufaturados. Por exemplo, ao apresentar a halita (NaCl), que é o nosso sal de cozinha, quase ninguém identificou, exceto quando usaram o sentido do paladar, pois o sal nos chega já triturado e não na forma de cristais cúbicos. Ao final alguns depoimentos nos deixaram satisfeitos com os resultados conseguidos. Uma das visitantes, ao ser indagada sobre o que achou da exposição declarou: “foi surpreendente! Eu não sabia que a gente tinha tanta riqueza de minérios. A explanação de vocês foi muito boa. Eu estou encantada! Ao ser questionado sobre a importância de ações como esta ela afirma: “É uma riqueza o que vocês fizeram, pois nós que somos deficientes visuais temos uma carência muito grande de visitaçao a museus”. Neste sentido, Napier (1983, p. 19), enfatiza que a mão é o mais importante órgão do tato, uma vez que a mão em sintonia com o olho é a “nossa principal fonte de contato com o meio ambiente físico” com uma vantagem sobre o olho, pois a mão “é capaz de ver do outro lado de uma esquina e também enxergar no escuro”. Todos os entrevistados elogiaram a iniciativa e ficaram satisfeitos com a oportunidade da vivência. As crianças cegas demonstraram com mais entusiasmo a alegria de aprender coisas novas e experimentar um museu. Entendemos que realizar uma exposição temporária não significa inclusão de acordo com o entendimento atual de que toda a sociedade deve estar preparada para atender as pessoas com deficiências que tem o mesmo direito de qualquer cidadão de usufruir de sua cidade, os monumentos, museus, escolas, entre outras. Porém, este é um passo importante para demonstrar que estamos atentos as necessidades de nosso publico e abertos a realizar alterações, adaptações e adequações de forma a possibilita-los usufruir do museu da maneira mais completa possível.

## Referências bibliográficas

ALMEIDA, Maria Clara; CARIJÓ, Felipe Herkenhoff; KASTRUP, Virgínia. Por uma estética tátil: sobre a adaptação de artes plásticas para deficientes visuais. *Fractal: Revista de Psicologia*, v. 22, n. 1, p. 85 -100, 2010. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/fractal/v22n1/v22n1a07.pdf>>. Acesso em: 17 jan. 2011.

FOCILLON, Henri. Éloge de la main. In: FOCILLON, Henri. *Vie des formes, suivi de éloge de la main*. Paris, Presses Universitaires de France, 1943.

KILGOUR, Andrea; LEDERMAN, Susan. Recognising faces by hand. *Perception & Psychophysics*, v. 64, n. 3, p. 339-352, 2002. Disponível em: < <http://www.cogsci.msu.edu/DSS/2005-2006/Lederman/135.pdf>>. Acesso em: 17 jan. 2011.

MUSSE, Narla Sathler Oliveira. *Vivências ludopoiéticas no jogo de areia: a tatilidade na autoformação humanescente*. 2011. 257p. Tese (Doutorado em Educação). Centro de Ciências Sociais e Aplicadas, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal. 2011.

NAPIER, John. *A mão do homem: anatomia, função, evolução*. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.